

Observatório de Relações Interespecíficas em Contextos Extremos: pensamento sistêmico e ficção especulativa em prospecções sobre o humano e o não humano

Observatory of Interspecific Relations in Extreme Contexts: systemic thinking and speculative fiction in prospections about the human and the non-human

DAIANA SCHRÖPEL

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, R.S., Brasil

RESUMO

O artigo analisa de que modo uma pesquisa em arte, na forma de uma construção prático-reflexiva situada, elabora modos de pensar sobre relações entre o humano e o não humano. Objetiva-se demonstrar como o exercício especulativo, compreendido como um instrumento de pesquisa em arte, agencia leituras sobre outros modos de fazer mundos e sobre as suas possíveis naturezas. Para isso, toma-se como caso de estudo o "Observatório de Relações Interespecíficas em Contextos Extremos (ORICE)", segmento prospectivo ficcional desenvolvido pela autora. A partir da análise de sua constituição, identificam-se duas perspectivas: uma sistêmica, que busca perceber os processos terrestres em suas complexidades relacionais, e outra especulativa, que adquire uma forma narrativa por meio da fabulação. Compreende-se a prática artística como um meio prospectivo sobre a realidade consensual e as suas possibilidades alternas. Pensar o humano e o não humano na interface entre arte e ficção afirma o papel dos processos especulativos na reformulação de percepções e de subjetividades necessárias ao reposicionamento do humano diante dos contextos geológicos atuais.

PALAVRAS-CHAVE

Arte, Fabulação, Imaginário científico, Percepção, Processos de criação.

ABSTRACT

This article analyzes how art research, as a situated practical-reflexive construction, develops ways of thinking about the relationships between the human and the non-human. The aim is to demonstrate how speculative practice, understood as an instrument of art research, fosters interpretations of other ways of creating worlds and their possible natures. To this end, the "Observatory of Interspecific Relations in Extreme Contexts (ORICE)" is used as a case study, a fictional prospective segment developed by the author. Based on an analysis of its structure, two interrelated perspectives are identified: a systemic one, which seeks to perceive terrestrial processes in their relational complexities, and a speculative one, which acquires a narrative form through fabulation. Artistic practice is understood as a prospective resource about consensual reality and its alternative possibilities. Thinking about the human and the non-human at the interface between art and fiction affirms the role of speculative processes in reformulating perceptions and subjectivities necessary for the repositioning of the human in the face of current geological contexts.

KEYWORDS

Art, Fabulation, Scientific imaginary, Perception, Creation processes.

1. Introdução

Vinculadas à vida, à morte e às estratégias de perpetuação praticadas pelos diversos agentes terrestres, as temáticas de base biológica, ecológica e geológica ganham destaque diante dos múltiplos desafios impostos pelas implicações decorrentes das interações entre o humano e o não humano. São exemplares a pandemia de covid-19, o aumento da incidência de eventos climáticos catastróficos e

a perda da diversidade biológica em escala global. Cada vez mais, torna-se evidente a necessidade de reaprender a habitar o planeta, reconhecendo a potencial ativo de todos os seus elementos (Latour, 2020).

Em seus múltiplos agenciamentos, a arte – produto humano por excelência – igualmente formula modos diversos de apreender a realidade tal como observada e percebida através dos sentidos e aptidões de que dispomos. Diante das problemáticas atuais, decorrentes de modelos equivocados de habitar a terra, artistas têm buscado formas de prospectar sobre outros modos de vida, ampliando leituras e percepções sobre o que caracteriza ser humano e sobre as relações, atuais e possíveis, com os elementos bióticos e abióticos de seu entorno local e global. Essas experiências vêm sendo desenvolvidas em diferentes interfaces – ciência, tecnologia, ficção.

Situado entre arte e ficção especulativa, este estudo analisa como uma pesquisa em arte – na forma de uma construção prático-reflexiva situada, suas interlocuções e seus desdobramentos – elabora modos de pensar sobre problemáticas ecológicas vinculadas ao humano e ao não humano. Objetiva-se demonstrar como o exercício especulativo, compreendido como um instrumento de pesquisa em arte, agencia leituras sobre outros modos de existência e sobre suas possíveis naturezas.

Para isso, como caso de estudo, apresentaremos o projeto “Observatório de Relações Interspecíficas em Contextos Extremos (ORICE)”. A partir da análise de sua constituição, identificaremos dois eixos temáticos inter-relacionados: uma perspectiva sistêmica, que busca apreender os processos terrestres em suas complexidades relacionais, e uma perspectiva especulativa que adquire, por meio da fabulação, uma forma narrativa mediante a qual o trabalho artístico é comunicado ao público. Ao buscar o adensamento de conceitos e de noções pertinentes a esta discussão, tais eixos temáticos serão abordados em interlocução com autores referenciais da arte, da filosofia, da teoria literária e da biologia.

2. Observatório de Relações Interspecíficas em Contextos Extremos

O que seres não humanos poderiam nos ensinar sobre flexibilidade e adaptação em tempos cujas condições, sobretudo as mutações climáticas, cada vez mais ameaçam o que definimos como comunidade humana? Essa pergunta de natureza especulativa perpassa uma série de desdobramentos poético-reflexivos

iniciados em 2021 no âmbito do “Observatório de Relações Interespecíficas em Contextos Extremos (ORICE)”. Trata-se de um segmento prospectivo vinculado a um projeto ficcional mais amplo designado “Instituto Allotria de Análises e Intervenções Antrópicas Investigativas (IAAIAI)”, ambos propostos pela autora.

Em desenvolvimento desde 2015, o IAAIAI é uma instituição científica ficcional constituída por diversos segmentos, os quais propõem investigações conduzidas por mulheres cientistas e pesquisadoras, figuras heterônimas tais como Claire Lumpen e Ester Fluss. Os contextos investigativos criados são de caráter narrativo, elaborados na interface entre arte, imaginário científico, ficção especulativa e ecologia. Os recursos de representação empregados incluem meios demonstrativos, informativos, enunciativos, indiciais e protocolares ficcionalizados, apresentados ao público sob a forma de ilustrações descritivas, cartografias, artigos, documentários, inventários, mostras rememorativas, entre outros.

Diversos temas confluem no processo de criação dessa estrutura ficcional, como é o caso do heterogêneo e do inclassificável, daquilo que se constitui no entremeio, que tensiona ordenamentos convencionais e que atua, potencialmente, como disparador para percepções, concepções e espacialidades. Decorre desse olhar a designada sistemática *intermediarista*, que orienta os processos investigativos conduzidos no âmbito do IAAIAI. Fundamentada em uma leitura heterogênea¹, essa perspectiva interessa-se pelos estados intermediários – aqueles que escapam aos binarismos convencionais, que podem ser identificados *entre* categorias convencionais e que evidenciam aspectos relacionais.

O ORICE se inscreve nesse contexto como uma elaboração poética que busca desenvolver uma reflexão sobre os papéis atribuídos aos elementos bióticos e abióticos por meio da significação das relações que eles estabelecem entre si. Esse processo teve como um de seus elementos disparadores o conto de ficção “O autor das sementes de acácia e outros trechos da *Revista da Associação de Therolinguística*” (1974), de Ursula K. Le Guin. Situada no futuro, essa narrativa aborda a existência de uma área do saber, a *Therolinguística*, dedicada ao estudo da linguagem de seres bióticos e abióticos, dentre os quais formigas, líquens e rochas. A

¹ O pensamento *intermediarista* remonta a Charles Hoy Fort (1874-1932), colecionador de fenômenos extraordinários reunidos a partir de periódicos e anais científicos. Em sua obra *O Livro dos Danados* (1919), Fort elabora uma ideia geral sobre esses eventos que ficariam à margem das disciplinas oficiais do conhecimento.

partir daí algumas inquietações foram formuladas: Qual seria a história contada pelos organismos não humanos se pudéssemos compreender as suas linguagens? O mundo dito natural possuiria motivações inteligíveis à cognição humana? Se pudéssemos compreender a sua linguagem, encontraríamos também as vias para reformular o humano e seus modos de interação com o que se define terrestre?

Essas questões suscitaram o tema das relações sociais entre organismos não humanos, bem como as estratégias de comunicação que esses agentes desenvolvem entre si. Nesse âmbito, têm destaque as relações ditas mutualísticas, como é o caso dos líquens. Organismos bastante interessantes devido às suas características biológicas e morfológicas, os líquens são formados pela simbiose entre espécies de fungos e de algas. Capazes de se adaptar e de colonizar ambientes com condições climáticas e atmosféricas extremas, como rochas, nos quais nem a alga e tampouco o fungo poderiam se desenvolver sozinhos, esses organismos podem ser considerados comunidades resilientes (Gilbert; Gilbert, 2019).

O ORICE foi instaurado, originalmente, na Serrinha do Alambari, em Resende (RJ), região que integra a APA do Parque Nacional do Itatiaia (PNI)². Caminhadas locais e expedições ao planalto do PNI, culminaram em uma série de elaborações, as quais compreendem: um inventário fotográfico das espécies de líquens observadas (Figura 1); ilustrações de três espécimes; captações sonoras; um vídeo que ensaia um método de interpretação e de tradução da linguagem desses organismos; um conjunto de fichas que consideram aspectos metodológicos do processo de tradução; e o artigo “Notas sobre o Observatório de Relações Interespecíficas em Contextos Extremos” (Figura 2).

Essa narrativa foi posteriormente incorporada ao documentário “Delta 21: um enigma na Ilha das Moscas” (2021)³ (Figuras 3-8), o qual amplia o contexto investigativo em questão. O vídeo comunica as motivações, os resultados e o legado documental de expedições que teriam sido realizadas por pesquisadoras do IAAIAI em parceria com a AT ao Arquipélago do Delta do Rio Jacuí, em Porto Alegre (RS). As excursões teriam promovido a observação *in situ* de espécies singulares de

² A estadia na Serrinha do Alambari e as expedições ao PNI integraram o programa Resiliência: Residência Artística: Arte e Ciência, promovido por Silo - Arte e Latitude Rural com apoio do Instituto Serrapilheira, da Fundação Pro Helvetia América do Sul e do Swissnex.

³ Vídeo comissionado pelo 7º Festival Kino Beat, com financiamento da Lei de Incentivo à Cultura (Pró-Cultura RS). Teve como mote “outros reinos”, tema suscitado pelo conto citado de Ursula K. Le Guin.

natureza *intermediarista* vistas como possíveis elementos-chave na decifração de linguagens dos reinos naturais.

Breve Inventário de Líquens do Parque Nacional do Itatiaia 1

Serrinha do Alambari e Planalto do Itatiaia

Ester Fluss, Observatório de Relações Interspecíficas em Contextos Extremos, Instituto Alotria de Análises e Intervenções Antrópicas Investigativas (IAAIAI), e Matilde Petri, Departamento de Comunicação Interspecífica, Associação de Therolinguística. Fotos de: Daiana Schröpel. Apoio de: Silo - Arte e Latitude Rural.



Arctoparmelia centrifuga



Caloplaca littorea



Cladonia portentosa



Cryptothecia rubrocincta



Cryptothecia striata



Dictyonema glabratum



Evernia perfragilis



Eridia glandulosa



Graphys sp.



Graphys sp.



Heterodermia leucomela



Hypotrachina minarum



Hypotrachina sinuosa



Lecanora rupicola



Lecanora rupicola
forma rosa



Lobaria sp.



Lobaria strobiculata



Megalaria sp.



Megalospora sp.



Ophioparma ventosa

Figura 1. Schröpel, Breve Inventário de Líquens do Parque Nacional do Itatiaia, 2021, peça gráfica, 29,7 x 21 cm.



Notas sobre o Observatório de Relações Interspecíficas em Contextos Extremos

Por Diana Argue

Você já se perguntou quais seriam as histórias contadas pelos seres não humanos se pudéssemos compreender a sua linguagem comunicativa e não comunicativa? Seria possível desenvolver, por meio desses conhecimentos, estratégias de flexibilidade e de adaptação que possibilitassem a perpetuação de nossa existência sob condições que ameaçam o que definimos como *comunidade humana*?

O Observatório de Relações Interspecíficas em Contextos Extremos foi concebido em decorrência dessas inquietações pelas pesquisadoras Ester Fluss (IAAIAI) e Matilde Petri (Departamento de Comunicação Interspecífica, Associação de Therolinguística). As pesquisas vêm sendo desenvolvidas na Serrinha do Alambari, em Resende (RJ), Brasil, região que integra a APA do Parque Nacional do Itatiaia. Seu objetivo central é a elaboração de estratégias de deciframento e de tradução de linguagens não humanas com foco em espécies e em colônias de líquens observadas na zona de inserção do Observatório, incluindo o Planalto do Itatiaia. Essa promissora parceria institucional promove transversalidades entre dois domínios do saber: a sistemática intermediarista e a therolinguística.

Para compreendermos a primeira, recorreremos à obra *Rudimentos para a Concepção de Sistemas Intermediaristas* (2016), de autoria de Ana Mucks, pesquisadora fundadora do IAAIAI. Segundo as reflexões dessa autora, intermediário é o estado no qual os seres e as coisas não podem ser definidos conforme modelos de classificação homogeneizantes. Estados intermediários podem ser identificados, por exemplo, entre o sim e o não, o positivo e o negativo, o exato e o falso. Em virtude da limitante estrutura binária da nossa linguagem é necessário

defini-los do seguinte modo: sim-não, positivo-negativo, exato-falso. Sistemas intermediaristas enfatizam a heterogeneidade dos seres e das coisas em suas naturezas tanto particulares quanto relacionais.

Segundo essa perspectiva, e em termos metafísicos, A. Mucks considera que a própria existência pode ser caracterizada como uma *quase* existência, situada entre estados de realidade e de irrealidade, de materialidade e de imaterialidade, de vida e de morte e assim por diante. De igual modo, também os seres podem ser assim apreendidos. “Um beija-flor suga o néctar de uma caliandra: é o beija-flor mais o néctar de caliandra; é a caliandra menos o apetite de beija-flor”, ilustra A. Mucks (2016). São tais estados que definem a natureza intermediária dos seres em suas singularidades existenciais, como já reconhecia a notável naturalista Elena Landkraut (1937): “A essência dos seres está nas relações que eles estabelecem entre si”.

A therolinguística, por sua vez, é uma ciência heurística altamente interpretativa que estuda a linguagem e a literatura dos seres não humanos. Em uma das inúmeras e amplamente disseminadas edições da Revista da Associação de Therolinguística, postula-se a necessidade da formulação de “habilidades técnicas e críticas apropriadas ao estudo dos mistérios que envolvem o assassinato da doninha ou o erotismo dos batráquios ou as sagas dos túneis de minhoca”, de modo que seja possível relacioná-los “com a arte da sequoia ou a da abobrinha”. A investigação das diferentes formas linguísticas existentes não deve, entretanto, limitar-se apenas à comunicação ativa habitual dos organismos de natureza animal. Ela deve compreender, igualmente, as artes passivas, a fim de incluir – além do movimento e das métricas temporais convencionadas – noções como recepção, reação e espacialidade, apropriadas ao estudo de outros reinos, incluindo as plantas, as rochas e os simbioses, como é o caso dos líquens estudados por Ester Fluss e Matilde Petri.

A particularidade dos espécimes e das colônias de líquens é especialmente interessante no contexto em prospec-

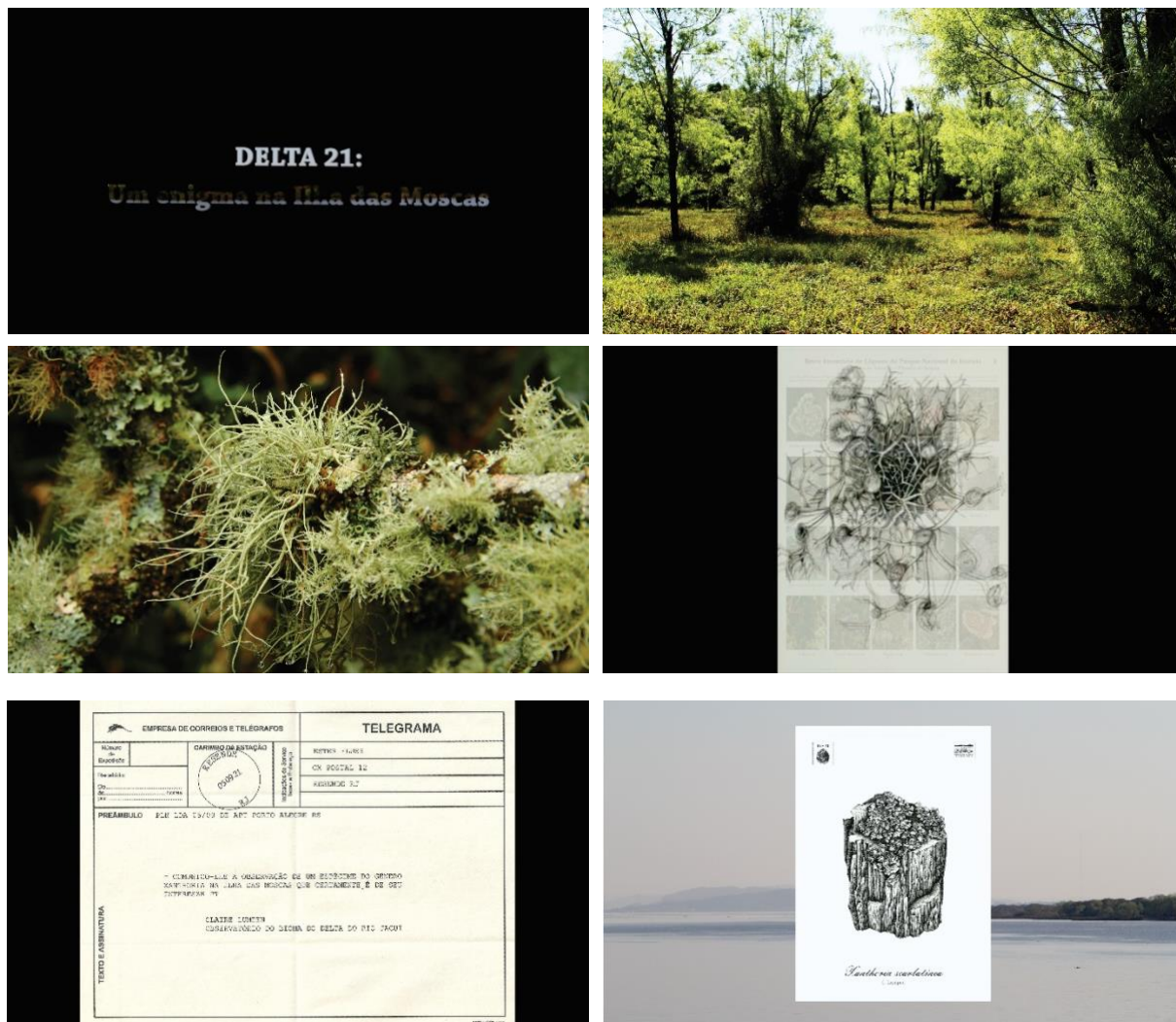
ção. Também designados fungos liquenizados, esses seres possuem uma complexidade singular: eles são associações mutualísticas entre espécies de fungos, chamados organismos micobiontes, e algas ou cianobactérias, designadas organismos fotobiontes ou ficobiontes. É essa característica associativa que os define como seres simbioses: diferentes tipos de organismos que coexistem, configurando um sistema de organismos vivos que habitam em proximidade física.

Estima-se que existam aproximadamente dezessete mil espécies de líquens. A morfologia dos fungos, algas e cianobactérias em simbiose difere daquela adquirida pelos espécimes em vida livre e é majoritariamente definida pelo fungo. Eles podem ser classificados como crostosos, foliosos e fruticulosos, variando entre tons de branco e cinza com toques de verde (no caso das algas verdes), entre preto, marrom e cinza-chumbo (no caso dos cianolíquens) ou, ainda, amarelo, laranja e vermelho (quando possuem a capacidade de produzir substâncias de defesa contra o excesso de iluminação que degrada a clorofila). Líquens possuem distribuição cosmopolita, sendo encontrados desde os trópicos até as regiões polares, onde frequentemente constituem a vegetação predominante. Eles habitam rochas, cascas de árvores e substratos nos mais diversos climas, altitudes e latitudes.



Colônia de líquens observada na Serrinha do Alambari

Figura 2. Schröpel, Notas sobre o Observatório de Relações Interspecíficas em Contextos Extremos, 2021, peça gráfica, 29,7 x 21 cm.



Figuras 3-8. Schröpel, Delta 21: um enigma na Ilha das Moscas, 2021, vídeo, 14 min.

Em 2022, as prospecções no quadro do ORICE motivaram a realização da oficina “Comunidades Interspecíficas e os Espaços que Habitam”, ministrada na Casa de Cultura Mario Quintana (CCMQ), em Porto Alegre (Figuras 9-11). A partir da reflexão sobre conceitos – biocenose, simbiose, espaço, lugar e imaginação – e de caminhadas em meio urbano, a atividade visou desenvolver a sensibilidade dos participantes acerca dos temas propostos, promovendo a percepção de que o espaço urbano é também cenário de relações interespecíes. Os quatro encontros foram pautados pelas seguintes provocações: Seria possível resignificar os organismos a partir da apreensão das relações que eles estabelecem entre si? A partir dessa reformulação perceptiva, seria possível repensar as distâncias entre o que definimos

como humano e não humano? E, ao repensá-las, poderíamos também reconfigurar nossa relação com os lugares que habitamos?

Em 2023, essa proposta foi novamente realizada no quadro do 8º Festival Kino Beat, em Porto Alegre, quando subsidiou o processo criativo dos artistas residentes dessa edição. Realizada em dois encontros, a oficina compreendeu a apresentação de conceitos e a realização de duas saídas de campo orientadas por leituras e exercícios práticos baseados em processos de observação, imaginação e especulação. Esse material foi reunido na publicação “Relações Interespecíficas – Contextos e Percepções – Instruções de Bolso” (2023), compartilhada com os participantes. Durante a atividades, foram visitados o Jardim Lutzenberger, na CCMQ, e o Centro Histórico, incluindo a Praça do Tambor, a orla do Lago Guaíba e a Ponte de Pedra⁴.



Figuras 9-11. Registros das caminhadas realizadas durante a oficina “Comunidades Interespecíficas e os Espaços que Habitam” (2022). Fonte: Schröpel, 2022.

A partir dessas proposições, identificamos no processo criativo do ORICE e de seus desdobramentos dois eixos temáticos. De um lado, uma perspectiva sistêmica que busca apreender os processos terrestres em suas complexidades relacionais,

⁴ Em 2024, por ocasião das chuvas intensas que instauraram uma situação de grave crise climática em grande parte do Rio Grande do Sul, os locais citados foram severamente afetados, submersos pela enchente. A intensidade da agência das águas se manifestou como em muito tempo não se via, superando eventos anteriores em seus efeitos com implicações diretas sobre o humano e o não humano.

sobretudo as dinâmicas vinculadas ao humano, ao não humano e aos espaços coabitados. De outro, constituem-se temáticas que são desenvolvidas desde uma perspectiva especulativa e que adquirem, por meio da fabulação, uma forma narrativa. Ambos os eixos estabelecem interlocuções com as problemáticas contemporâneas vinculadas à vida, à morte e às possibilidades de perpetuação, e se constituem na busca por perspectivas alternativas para a compreensão dos cenários atuais, bem como de modos para elaborá-los subjetivamente.

3. Perspectivas sistêmicas dos processos terrestres na interface entre arte e ciência

A interface entre arte e ecologia é um tema documentado desde os anos 1960, vinculada aos movimentos de retorno à natureza e de contato com a terra. Voltadas à dicotomia entre cultura e natureza, tais práticas pretendiam, entre outras intenções, reformular o equilíbrio das relações entre o humano e a natureza, problematizando os modos de produção capitalistas, as políticas de uso da terra, a percepção do espaço geográfico e da paisagem (Maresch, 2014). Simultaneamente, o crescimento desenfreado dos grandes centros urbanos, somado ao desencantamento com as ideologias de progresso no período pós-guerra, conduziram a uma percepção de estado de ruína permanente, de decadência, de esgotamento dos recursos naturais e do colapso das tecnologias (Maresch, 2014).

Um exemplo é a ficção de James G. Ballard que, ao longo dos anos 1960, publicou uma série de livros que elaboram cenários de catástrofe climática capazes de pôr fim à vida na Terra. Dessa série, “O mundo de cristal” apresenta a história de um médico em viagem à África. À medida em que tenta chegar ao seu destino, o personagem se depara com um fenômeno misterioso, cujo efeito é a gradual cristalização de todas as criaturas vivas. Nessa obra, a temporalidade humana é confrontada com a temporalidade geológica e os processos terrestres adquirem protagonismo em detrimento da capacidade humana de elaborar instrumentos de elisão do fenômeno narrado.

A obra de Ballard pode ser inscrita num arcabouço de práticas que dialogam ao seu modo com a ecologia e que, mais especificamente, buscam compreender a Terra como um sistema formado por complexos processos. Segundo Robert Scholes (1975), tal perspectiva estrutural teria se desenvolvido a partir dos caminhos trilhados

pelo pensamento no século 20. Iniciada pelas teorias da evolução de Darwin e continuada pelas teorias da relatividade de Einstein, essa mudança teria se estendido com os estudos dos sistemas da percepção, da organização e da comunicação. Os conceitos decorrentes teriam promovido novas formas de compreensão do tempo e do espaço-tempo humano, substituindo o Homem Histórico pelo Homem Estrutural. Assim, o tempo histórico teria se tornado um fragmento do tempo humano, que nada mais seria que uma pequena parcela do tempo geológico e este, um segmento do inefável tempo cósmico.

Nas ciências biológicas, a consciência sistêmica dos processos terrestres foi desenvolvida por Lynn Margulis. A partir da Teoria da Endossimbiose [1967], ela sustenta a concepção do que designa Gaia: um gigantesco e complexo conjunto de interações entre ecossistemas, cuja fisiologia transcende todos os organismos individuais e cuja resiliência se manifesta por meio de sua impressionante capacidade de reinvenção. *“Gaia is the regulated surface of the planet incessantly creating new environments and organisms. But the planet is not human, nor does it belong to humans. [...] Humans are not the center of life, nor is any other single species”* (Margulis, 1999, p. 150).

A concepção do humano como uma ínfima parte de um gigantesco conjunto de ecossistemas levanta, assim, a problemática de seu lugar e de seu papel nessa complexa rede de relações. Apesar de sua excentricidade, a ação expansiva e extrativista humana vem modulando uma série de consequências que afetam as dinâmicas existenciais em escalas micro e macrocósmicas. Ela é acompanhada, como sabemos, pela aceleração sem precedentes do ciclo do carbono, que culmina na atual conjuntura geológica definida como Antropoceno, marcada pelo aquecimento do mar, pelas mudanças do albedo polar e pela acidez dos oceanos, causando mutações climáticas, bem como as catástrofes delas decorrentes.

Bruno Latour (2020) considera que tal conjuntura nos desorienta em virtude de que os eventos que deveríamos elidir não se situam no presente e tampouco no futuro, senão no passado recente. “Na prática, somos todos contrarrevolucionários, experimentando minimizar as consequências de uma revolução que foi feita sem nós, contra nós e, ao mesmo tempo, por nós” (Latour, 2020, p. 43). Daí a anestesia diante do que nos afeta diretamente e a dificuldade de elaborar esses processos de ampla escala em um nível subjetivo. Assumindo que tais problemáticas já não podem mais ser analisadas desde a dicotomia entre as categorias de natureza e cultura, Latour

propõe uma perspectiva horizontal na busca por situar o lugar do humano em relação aos fenômenos terrestres:

A ideia de uma distinção Natureza / Cultura, assim como de humano / não humano, nada tem [...] de uma profunda ontologia; ela é um *efeito estilístico secundário* [...] por meio do qual se pretende *simplificar* a distribuição dos atores designando, em seguida, uns como animados e outros como inanimados. Essa segunda operação só consegue desanimar certos protagonistas chamados de “materiais” ao privá-los de sua atividade e ao *superanimar* alguns outros chamados de “humanos”, creditando-lhes admiráveis capacidades de ação – a liberdade, a consciência, a reflexividade, o senso moral, e assim por diante (Latour, 2020, p. 69, grifos do autor).

Essa distribuição de papéis se encontra abalada pela percepção dos efeitos daquilo que definimos como não humano sobre os nossos próprios modos de existência. Essa concepção é desenvolvida por Anna Tsing a partir do termo “feral”, o qual destaca “como seres vivos e não vivos podem ganhar novos poderes ao se associarem aos projetos humanos modificadores da terra, da água e da atmosfera que chamamos de infraestruturas” (Tsing, 2021, p. 177). Promovido em parceria com a Stanford University, o *Feral Atlas* é um projeto que compila estudos de artistas e de cientistas acerca da ocorrência de ecologias ferais, suas causas, o modo como se desenvolvem e se disseminam, impactando a vida de diversos atores. Por meio de contextos situados, o atlas mapeia “manchas” da interação entre o humano e não humano, promovendo, gradualmente, uma visão mais ampla de sua ocorrência por meio da identificação de fatores causais comuns.

Reconfigurar o foco das percepções e das subjetividades humanas passa, assim, pelo exercício de nos colocarmos à disposição daquilo que constitui o não humano – elementos bióticos e abióticos com os quais partilhamos espaços –, reconhecendo os efeitos que essas interações promovem. No caso do ORICE, as citadas expedições ao PNI e as caminhadas urbanas propostas junto às oficinas são procedimentos primários que buscam viabilizar essa experiência de contato com o entorno e de acolhimento do que ele manifesta a partir do modo como afeta nossas estruturas físicas, mentais e emocionais. Busca-se promover uma aproximação com contextos locais, evidenciando relações as quais se revelam substâncias à vida terrestre e às formas de coabitação.

A partir dessa perspectiva, surpreende desde as primeiras observações no PNI o acontecimento estético que configura o encontro com cada uma das formas líquênicas visitadas. Comove, também, o fato de que a sua estrutura decorre de um ato mútuo de cooperação que possibilita a perpetuação dos organismos nela

implicados. Observar a vida dos líquens incide sobre se deixar afetar por sua natureza. Esse exercício busca promover o entendimento de que as possibilidades de coabitação implicam o esforço de se redescobrir humano a partir das capacidades perceptivas de que já dispomos.

4. Pensamento especulativo como recurso prospectivo na arte

A inépcia em elidir fenômenos induzidos ou não pelo humano e que ameaçam a vida terrestre como um todo coloca em questão o tema da extinção e dos modos possíveis de perpetuação da vida. Vinculada às mutações climáticas e à iminência de catástrofes recorrentes, a extinção diz respeito à finitude do mundo humano ou, como considera Latour (2020), do mundo humano tal como o conhecíamos até então. Ou, ainda, pode-se considerar que essa elisão se refere ao mundo humano hegemônico (Krenak, 2019). Diante desse estado de colapso iminente, emergem inquietações sobre a existência de outros modos possíveis de habitar a terra, suas naturezas e os meios necessários para acessá-los.

A partir da noção de *pluriverso*, de William James [1909], Vinciane Despret (2021) postula que – para além de uma definição objetiva e subjetiva – o mundo não é um ente único e estável, senão múltiplo. “Mundos cuja coexistência se cria, experimenta-se, inventa-se, multiplica-se, ora como composição, ora como simples copresença” (Despret, 2021, p. 275). A coabitação com o mundo elaborado pelas outras espécies seria então o meio para nos tornarmos conscientes destes outros modos de existir. Uma perspectiva similar vem sendo desenvolvida por Donna Haraway por meio da noção de *sympoiesis*: “*a word proper to complex, dynamic, responsive, situated, historical systems. It is a word for worlding-with in company. Sympoiesis enfolds autopoiesis and generatively unfurls and extend it*” (Haraway, 2016, p. 58). Desenvolvida em diálogo com os conceitos de simbiose e simbiogênese de Margulis, a obra ficcional de Le Guin e estudos sobre ecologias invisíveis, essa noção seria uma prática criativa, improvisada e transitória, pautada na construção de mundos a partir de coexistências multiespécies – interações entre espécies e ambientes, as quais criam realidades (Haraway, 2016).

Tanto Despret quanto Haraway reconhecem o papel da especulação nos processos de projeção de mundos possíveis em contextos extremos. Se esta atua no âmbito da filosofia, aquela transita entre a filosofia da ciência e a ficção científica. De

autoria de Despret, “Autobiografia de um polvo: e outras narrativas de antecipação” (2022) é um livro composto por três narrativas que comunicam investigações presumidamente científicas, utilizando-se de recursos discursivos e documentais, tais como a transcrição de supostas correspondências entre pesquisadores. Situados no futuro, esses estudos buscam compreender a poesia vibratória das aranhas, a arquitetura dos vombates e os aforismas dos polvos.

Em seu argumento, também Despret parte da suposta existência da *therolinguística*. Como ocorre no ORICE, a apropriação dessa referência é um recurso que não apenas coloca dois mundos ficcionais em relação, expandindo-os, mas possibilita a elaboração especulativa de temas que concernem ao presente. Ao especular sobre aptidões estéticas, simbólicas e cognitivas que normalmente atribuímos unicamente ao humano, a *therolinguística* tensiona nossa relação com o não humano a partir da nossa inépcia em compreender seus modos expressivos como linguagens. Contudo, enquanto Despret joga com as possibilidades da linguagem de diferentes organismos e suas potenciais contribuições à expansão dos universos mais que humanos, o ORICE dialoga com a iminência da catástrofe, as alterações geológicas e ecossistêmicas, buscando reunir elementos para uma reflexão sobre o humano e seu papel nos processos terrestres.

O ORICE enfatiza processos simbióticos como estratégias de perpetuação desde uma perspectiva metafórica. Ao pressupor a relação *entre* espécies, a simbiose reorienta o foco para uma condição intermediária – para aquilo que emerge entre uma coisa e outra a partir de suas interlocuções. Ela suscita o tema da heterogenia (condição daquilo que é heterogêneo), também presente no pensamento de Haraway (2016), autora que – a partir da noção de ecologia afetiva – sugere perguntas tais como: O que ocorre quando duas espécies se encontram? Que tipo de formas experimentais de vida elas desenvolvem? Que outros modelos de vida, baseados na curiosidade e na criatividade, podem emergir desse campo experimental?

A especulação é um recurso cognitivo que pode ser analisado a partir da teoria literária. Segundo Scholes (1975), o romance pode ser separado em duas grandes escolas da ficção: a realista e a fantástica. Esta, da qual é oriunda a ficção científica, se caracterizaria por uma descontinuidade entre o mundo ficcional e o mundo da experiência humana. A forma mais simples de descontinuidade seria a construção de um mundo diverso do humano. Outra forma seria a descontinuidade cognitiva, a qual

imputa maior diferença ou ênfase a algum dos aspectos do mundo humano. A fábula é um exemplo.

Com longa tradição na história da cultura ocidental e fundamentada no gênero do romance didático, a fabulação pode ser distinguida em duas formas principais: a dogmática e a especulativa (Scholes, 1975). Esta se opõe àquela na medida em que decorre do humanismo, estando associada aos valores que formaram a ciência. Um elo comum entre ciência e ficção seria, segundo Walter Moser (1989), justamente o experimento mental. No entanto, para Scholes (1975), as mudanças engendradas no campo dos saberes no último século teriam contribuído para uma nova forma de especulação ficcional – a *fabulação estrutural* –, a qual incorpora também elementos das ciências humanas, como a sociologia, a história e a psicologia.

Nesse sentido, Marcel Teixeira (2010) propõe igualmente que a ficção científica contemporânea assume um caráter mais espacial do que temporal. A narrativa se constitui a partir de um presente contextual, situado, e elabora especulações acerca dos usos do espaço. É por isso que ela poderia ser assumida como uma ferramenta de compreensão da realidade atual em um mundo cada vez menos estável: o passado não pode ser alterado e o futuro é uma distância incerta, cujos cenários possíveis dependem dos modos de ocupação, de interação e de alteração do espaço no tempo presente (Teixeira, 2010).

Em suas reflexões acerca de herbários e inventários florísticos imaginários, Éfren Giraldo (2023, p. 64) observa: “as plantas fantásticas nos ajudam a nos relacionar melhor com as plantas reais, pois a fantasia é a única que nos convence de que elas têm vida e devemos respeitá-las”. Ampliando essa perspectiva a partir das reflexões até aqui desenvolvidas, propomos que a fantasia, na forma da fabulação especulativa, ajuda-nos a superar limitações no que tange à percepção daquilo que existe para além do humano – seja ínfimo, seja vasto. Ela possui a potencialidade de desenvolver nossa sensibilidade em relação a outros modos de ser, ainda que meramente especulativos, pois dá acesso à sua existência através da representação. Mais além, ao se apropriar da gama de informações produzidas pela ciência em associação à percepção empírica daquilo que já não cabe mais em previsões estimadas, pois corresponde à nossa realidade cotidiana, a ficção especulativa se configura como uma ferramenta de elaboração poética desses fenômenos, cuja magnitude desafia nossa capacidade de apreensão, uma vez que eles dizem respeito ao risco de elisão da própria espécie humana.

5. Considerações finais

A concepção de que apenas o humano é dotado de uma capacidade perceptiva que lhe permite construir a realidade de seu entorno e de suas vivências na interface entre materialidade e informação está vinculada a uma perspectiva antropocêntrica. Em decorrência disso, também a ideia da existência de outros mundos passa frequentemente pela compreensão de que estes constituem fatos meramente imaginários. Se existem outros mundos, eles são necessariamente produzidos pela cognição humana. Entretanto, deslocando-se o foco ao não humano e reconhecendo a sua capacidade de produzir diferentes realidades em acordo aos seus modos de interação com o mundo material e de interpretação da informação disponível, pode-se admitir a existência de outras formas de estar no mundo. No entanto, como acessá-las?

O ORICE e, mais amplamente, o IAAIAI são estruturas ficcionais que sugerem modos como a prática artística – em interface com certo impulso literário e motivada por temas de base biológica, ecológica e geológica – pode operar como um instrumento prospectivo acerca dessas realidades. Eles suscitam modos possíveis de reformular nossa compreensão e nossa subjetividade no tocante às existências terrestres em sentido amplo. Esse tipo de construto narrativo constitui articulações entre arte e ciência por intermédio do pensamento especulativo, o qual corresponde à capacidade imaginativa humana. Se a linguagem humana impõe sistemáticas e modos normativos de representação do nosso estar no mundo, a especulação – como habilidade imaginativa e prospectiva – opera como uma estratégia de extrapolação dos limites dessas estruturas simbólicas.

Pensar a ecologia na interface entre arte e ficção afirma o papel dos processos especulativos na reformulação de percepções e de subjetividades necessárias à constituição de saberes em tempos críticos. A prática artística é um recurso prospectivo sobre a realidade e as suas possibilidades alternas, afirmando-se como uma estratégia central na reflexão sobre outros modos de estar no mundo. Diante da iminência de cenários de catástrofe climática cada vez mais recorrentes, imaginar futuros possíveis é um exercício vital. Este passa pela disposição de se deixar afetar pela alteridade, reconhecendo seus modos de agência e a natureza das realidades criadas por meio das relações estabelecidas e daquelas ainda por estabelecer. A

ficção, como exercício especulativo, é um instrumento que nos ajuda a tecer aproximações com o desconhecido.

Referências

BALLARD, James Graham. **O mundo de cristal**. Lisboa: Livros do Brasil, [s. d.].

DESPRET, Vinciane. **O que diriam os animais?** São Paulo: Ubu Editora, 2021.

DESPRET, Vinciane. **Autobiografia de um polvo**: e outras narrativas de antecipação. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

FORT, Charles Hoy. **O livro dos danados**. São Paulo: Hemus, 1978.

GILBERT, Scott; GILBERT, Sarah R. **Understories**: A Common Ground For Art And Science. Catálogo da exposição ‘ , ‘ /~` mediums, ‘ _ ” bodies, ‘ _ ” ° ∞ logs, ∞ ‘ , ‘ /~` ‘ holes, ‘ _`- . ‘ _` — °habitats / / ‘ * ‘ - . ‘ , ‘ /~` want to feel (,) you inside \ | * . . * * \ | * . . * . / . - . ~ . ‘ , ‘ /~` * ☀ ~. Estados Unidos: Swarthmore College, 2019. Disponível em: <https://works.swarthmore.edu/fac-biology/575/>. Acesso em: 27 ago. 2025.

GIRALDO, Efrén. **Sumário de plantas oficiosas**: um ensaio sobre a memória da flora. São Paulo: Fósforo, 2023.

HARAWAY, Donna. **Staying with the Trouble**. Making Kin in the Chthulucene. Londres: Duke University Press, 2016.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LATOUR, Bruno. **Diante de Gaia**: oito conferências sobre a natureza no Antropoceno. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

LE GUIN, Ursula K. **The Author of the Acacia Seeds and Other Extracts from the Journal of the Association of Therolinguistics**. In: LE GUIN, Ursula K. The Compass Rose. Nova Iorque, EUA: Harper and Row, 1982, p. 6-14.

MARESCH, Bruna Maria. Terra habitada: arte e disponibilidade afetiva na recuperação de territórios. **Revista Ciclos**, Florianópolis, v. 1, n. 3, Ano 2, p. 207-219, dez. 2014.

MARGULIS, Lynn. **The Symbiotic Planet**. A New Look at Evolution. Nova Iorque: Phoenix, 1999.

MOSER, Walter. **Experiment and Fiction**. In: AMRINE, Frederick; COHEN, Robert Sonné (Org.). Literature and Science as Modes of Expression. Norwell, EUA: Kluwer Academic Publishers, 1989, p. 61-80.

SCHOLES, Robert. **Structural Fabulation**: Essay on Fiction of the Future. Notre Dame, EUA: University of Notre Dame Press, 1975.

SCHRÖPEL, Daiana. **Instituto Allotria**: ficcionalização documental e autoral na construção de projeções especulativas sobre o presente e o passado. 2020. 469 f. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

TEIXEIRA, Marcel Monteiro. **Leituras especulativas do mundo**. Ficção científica e discurso teórico crítico. 2010. 151 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ECAP-84CGLJ/1/marcelmonteiro.pdf>>. Acesso em: 11 jul. 2022.

TSING, Anna L. O Antropoceno mais que Humano. **Ilha – Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 176-191, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/75732/45505>>. Acesso em: 01 ago. 2025.

TSING, Anna L.; DEGER, Jennifer; SAXENA, Alder Keleman; ZHOU, Feifei (Org.). **Feral Atlas**. Stanford: Stanford University Press, c2021. Página da internet. Disponível em: <<https://feralatlus.org/>>. Acesso em: 21 ago. 2025.

UEXKÜLL, Jakob von. **A Foray into de Worlds of Animals and Humans**. With a Theory of Meaning. Minneapolis, EUA: University of Minnesota Press, 2010.

VIDAL JUNIOR, Ícaro Ferraz; MENDONÇA, Cinthia (Org.). **Resiliência: residência artística: arte e ciência / Resilience: artist in residence: art and science**. Paulo: Silo – Arte e Latitude Rural, 2022.

Sobre a autora

Daiana Schröpel é artista visual e pesquisadora. Doutora e Mestra em Artes Visuais (PPGAV/UFRGS). Investiga transversalidades entre arte, imaginário científico, ficção especulativa e ecologia. Desde 2015, desenvolve o projeto Instituto Allotria de Análises e Intervenções Antrópicas Investigativas (IAAIAI).

dschropel@outlook.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8040-0730>

Como citar

SCHRÖPEL, Daiana. Observatório de Relações Interespecíficas em Contextos Extremos: pensamento sistêmico e ficção especulativa em prospecções sobre o humano e o não humano. *Revista Estado da Arte*, Uberlândia, v. 6, n. 2, p. [n.p.], jul./dez. 2025. DOI 10.14393/EdA-v6-n2-2025-79587 (**versão ahead of print**).



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.